

Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens: a experiência recente da Região Metropolitana de Porto Alegre*

Raul Luís Assumpção Bastos**

Resumo

Este artigo investiga o quanto o tamanho relativo da população juvenil na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) afetou a ocupação e o desemprego desse grupo populacional no período 1993-2004. Esta questão ganha relevância no presente tanto pelo fato de que diversos estudos têm apontado a ocorrência do fenômeno de uma onda jovem nas principais regiões metropolitanas do país nos anos noventa, quanto porque correlatamente se observou uma tendência à elevação do desemprego entre os jovens no período. O trabalho está assim organizado: após a introdução, a seção 2 faz uma síntese dos argumentos a respeito dos efeitos do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a situação deste grupo populacional no mercado de trabalho; a seção 3 identifica as principais tendências da população e da força de trabalho juvenil no mercado de trabalho da RMPA, bem como estima os efeitos do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a ocupação e o desemprego desse grupo populacional; e, por último, nas considerações finais são resumidas as principais conclusões do trabalho.

Palavras-chave: coorte juvenil; ocupação juvenil; desemprego juvenil.

1. Introdução

Os jovens constituem um dos grupos populacionais mais afetados pela incidência do desemprego, conforme mostram muitos estudos. Em face dessa constatação, o avanço no conhecimento sobre o seu processo de inserção no mercado de trabalho parece ser condição necessária para enfrentar de forma adequada o fenômeno do desemprego juvenil.

A literatura identifica diversas causas para explicar a situação de maior adversidade relativa dos jovens no mercado de trabalho, dentre as quais pode-se mencionar (i) a ausência de experiência anterior de trabalho, (ii) a formação educacional inadequada, (iii) a maior sensibilidade do emprego e do desemprego juvenil ao comportamento cíclico das economias e (iv) o efeito do tamanho relativo da coorte juvenil sobre o seu *status* no mercado de trabalho.

Este artigo está voltado, fundamentalmente, para a última questão acima referida: trata-se de investigar o quanto a evolução do tamanho relativo da população juvenil na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) afetou a ocupação e o

* Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto Dimensões da Precarização do Mercado de Trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre, que conta com apoio do CNPq e da FAPERGS. Agradeço aos comentários e críticas de uma versão preliminar aos colegas Jéferson Daniel de Matos e Maria de Lourdes Jardim, bem como ao apoio na elaboração das tabulações da bolsista de iniciação científica da FAPERGS Thaís Ferreira Persson. Erros e omissões por acaso remanescentes são de minha responsabilidade.

** Economista da FEE e Professor do Departamento de Economia da PUCRS.

desemprego desse grupo populacional no período 1993-2004. Esta questão ganha relevância no presente tanto pelo fato de que diversos estudos têm apontado a ocorrência do fenômeno de uma onda jovem nas principais regiões metropolitanas do país nos anos noventa, quanto porque correlatamente se observou uma tendência à elevação da incidência do desemprego entre os jovens no período em foco.

Com esse propósito em mente, o trabalho foi assim organizado: após essa breve introdução, a seção 2 faz um esforço de formulação analítica a respeito dos efeitos do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a situação deste grupo populacional no mercado de trabalho; a seção 3 identifica as principais tendências da população e da força de trabalho juvenil no mercado de trabalho da RMPA, bem como estima os efeitos do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a ocupação e o desemprego desse grupo populacional; e, por último, nas considerações finais são resumidas as principais conclusões do trabalho.

2. Crescimento populacional e os efeitos do tamanho relativo da coorte sobre a situação dos jovens no mercado de trabalho

O ritmo de crescimento populacional é um dos fatores que determinam o tamanho da força de trabalho de uma economia. Nesse sentido, a dinâmica demográfica pode se constituir em um elemento que contribui para pressionar o mercado de trabalho, pois um crescimento populacional elevado está a requerer uma maior capacidade de geração de emprego pela economia para absorver produtivamente as pessoas que ingressam no mercado de trabalho.

No caso específico da população jovem¹, o seu ritmo de crescimento e tamanho relativo são recorrentemente apontados como fatores que influenciam as suas condições de inserção no mercado de trabalho, nas diferentes experiências nacionais (Korenman e Neumark, 1997; O'Higgins, 1997; OIT, 2000). Ou seja, o crescimento acentuado da população jovem em determinados períodos e o aumento do tamanho da respectiva coorte constituir-se-iam em potenciais agravantes das suas dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

Em consonância com essa compreensão, uma das hipóteses formuladas pela literatura para explicar a situação dos jovens no mercado de trabalho está, justamente, vinculada à expansão do tamanho da sua coorte (Korenman e Neumark, 1997; O'Higgins, 1997; Muniz, 2002). Assim, a hipótese da expansão da coorte (*cohort*

¹ Seguindo o critério da Organização das Nações Unidas, os jovens são aqui compreendidos como o grupo populacional de 15 a 24 anos (UN, 2003).

crowding hypothesis) propugna que o aumento do tamanho relativo da população juvenil exerce efeitos adversos sobre o emprego e o desemprego desse grupo populacional no mercado de trabalho. Dessa forma, espera-se que a ocorrência desse fenômeno, em determinados períodos, venha a deteriorar a situação desse grupo populacional no mercado de trabalho.

No que diz respeito à experiência dos países da OCDE, os trabalhos revistos por Korenman e Neumark(1997) indicam a validade desta hipótese. De acordo com a síntese de resultados desses estudos proposta por esses autores “Parecem existir evidências de um efeito adverso do tamanho da coorte sobre o desemprego, o emprego e os salários juvenis, através de inúmeros países” (Korenman e Neumark, 1997, p. 7).

Korenman e Neumark(1997) também desenvolveram uma investigação própria sobre este tema, para uma amostra de 15 países da OCDE, sendo o período de cobertura dos dados o de 1970 a 1994. Inicialmente, por meio de uma análise gráfica individualizada dos países, eles concluíram, tentativamente, que

“Primeiro, as taxas de desemprego juvenis parecem responder às mudanças no tamanho relativo da coorte juvenil na forma predita pela hipótese da expansão da coorte. Por outro lado, as taxas de emprego juvenis parecem, pelo menos algumas vezes, moverem-se na direção oposta, caindo enquanto o tamanho relativo da coorte declina, ou não são relacionadas com o tamanho relativo da coorte” (Korenman e Neumark, 1997, p. 13).

Ou seja, por meio da análise gráfica, os autores só parcialmente conseguiram encontrar indícios da validade da hipótese de expansão da coorte, em particular no que se refere aos seus efeitos adversos sobre a taxa de desemprego juvenil.

No âmbito desta mesma pesquisa, foram estimados modelos econométricos com diferentes especificações para testar a hipótese do efeito da expansão da coorte sobre as taxas de desemprego e de emprego dos jovens, tendo os autores adotado o procedimento de montar um painel com os dados de sua amostra de quinze países da OCDE (Korenman e Neumark, 1997). De acordo com o modelo preferido pelos autores, foi estimada uma elasticidade do efeito da expansão da coorte sobre a taxa de desemprego juvenil de 0,6, estatisticamente significativa, enquanto no caso da taxa de emprego, embora a elasticidade do efeito da expansão da coorte tivesse o sinal esperado, ela era muito pequena (-0,03) e não possuía significância estatística (Korenman e Neumark, 1997, p. 18). Ou seja, os resultados econométricos corroboraram a análise gráfica desenvolvida anteriormente pelos autores de forma individualizada para os países.

O estudo de Korenman e Neumark(1997, p. 20) também segmentou a população jovem por gênero, com o propósito de analisar a possibilidade de existência de diferenças do efeito da expansão da coorte entre os homens jovens e as mulheres jovens. De acordo com os resultados dos modelos estimados pelos autores, as mulheres jovens evidenciaram uma maior elasticidade da expansão da coorte sobre a sua taxa de desemprego, comparativamente à dos homens. Este resultado os levou a concluir que

“(...) as mulheres jovens suportam um peso desproporcional do desemprego quando a coorte juvenil é maior. Nossa interpretação desse resultado é que os empregadores tendem a contratar os homens jovens primeiro, e voltam-se para as mulheres jovens quando as condições de oferta são limitadas” (Korenman e Neumark, 1997, p. 20).

No tratamento do tema que é objeto de investigação neste artigo, é preciso assinalar que, nas últimas duas décadas do século XX, ocorreu um pequeno declínio da proporção de jovens em relação à população mundial, de 19% em 1980 para 17,5% em 2000 (OIT, 2000, p. 4; UN, 2003, p. 76). Esta queda da proporção de jovens foi um fenômeno que se deu de forma generalizada no âmbito internacional, à exceção da África (OIT, 2000, p. 4). Não obstante essa tendência comum, deve-se ter presente que, conforme o nível de renda dos países, é diferenciado o tamanho relativo da população juvenil em comparação à população total: assim, os jovens correspondiam, no ano 2000, a 19,5% da população dos países de renda mais baixa, e a somente 13,2% nos países de renda mais alta (UN, 2003, p. 76). Com isso, pode-se perceber que a pressão demográfica por eles exercida sobre o mercado de trabalho coloca-se de forma distinta conforme o nível de desenvolvimento das nações, sendo mais intensa nas relativamente mais pobres.

O declínio da proporção de jovens na população constitui-se em uma das dimensões do processo de **transição demográfica**² nos diferentes países. A esse respeito, no que se refere especificamente à experiência latino-americana, o CELADE³ propôs a seguinte classificação dos países quanto ao estágio desse processo (Diez de Medina, 2001, p. 16 e 17):

² A **transição demográfica** é definida como “(...) um processo histórico de grande duração (...) cujo núcleo é o descenso sustentado da fecundidade e da mortalidade” (CEPAL, 2004, p. 34).

³ *Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía*, Divisão de População da CEPAL.

- (i) **transição avançada** – trata-se daqueles países que registram taxas de crescimento de suas populações de 1% ao ano ou inferior, mortalidade infantil moderada ou baixa e um grau de urbanização alto. Neste caso se encontram Argentina, Chile, Cuba e Uruguai;
- (ii) **plena transição** – corresponde aos países que evidenciam taxas de crescimento populacional de cerca 2% ao ano, e taxas de mortalidade e de natalidade infantis em declínio. Aqui estão incluídos Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Panamá, Peru, República Dominicana e Venezuela;
- (iii) **transição moderada** – nesta situação se encontram países com taxas de crescimento populacional de 3% ao ano, que apresentam mortalidade infantil em queda e uma população jovem com natalidade elevada; são países em que também é grande a proporção da população no meio rural. Estes são os casos de El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Paraguai; e
- (iv) **transição incipiente** – se refere aos países que apresentam crescimento populacional da ordem de 2,5% ao ano, com taxas de mortalidade e natalidade infantis muito elevadas e persistentes, grandes proporções de crianças e jovens na população, bem como com a maior parte das suas populações residindo no meio rural. Nesta situação se encontram a Bolívia e o Haiti.

No que diz respeito à população jovem, o seu ritmo de crescimento vem se desacelerando na América Latina desde os anos setenta (Diez de Medina, 2001, p. 17). Assim, enquanto na primeira metade daquela década a população jovem crescia a uma média anual próxima a 3,3%, na década de noventa o seu crescimento havia declinado para 1,4% ao ano. A par dessa tendência, a proporção de jovens na população total latino-americano se reduziu levemente, de 20,1% em 1980 para 19,5% no ano de 2000 (Diez de Medina, 2001, p. 18).

Conforme foi aludido acima, o Brasil encontra-se em plena transição demográfica, com um ritmo de crescimento populacional em declínio. Na década de setenta, a população do país crescia a uma média anual de 2,5%, na década de oitenta o crescimento populacional havia se reduzido para 1,9% ao ano e na de noventa para 1,6% ao ano (IBGE, Censos Demográficos, 1970, 1980, 1991 e 2000). Já a evolução da população jovem apresentou, neste mesmo período, diferenças importantes em relação à da população total: o seu ritmo de crescimento caiu mais intensamente entre as décadas de setenta e oitenta (de 3,0% ao ano para 1,2% ano), mas voltou a se elevar na década de noventa (para 2,0% ao ano) (IBGE, Censos Demográficos, 1970, 1980, 1991 e 2000). Com isso, a proporção de jovens sobre a população total do país, que havia

declinado de 21,1% em 1980 para 19,5% em 1991, registrou uma leve elevação para 20,1% no ano 2000 (IBGE, Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000).

Quando se aborda os efeitos do crescimento populacional sobre a situação dos jovens no mercado de trabalho, um fenômeno relevante é o das **descontinuidades demográficas** (Bercovich e Madeira, 1990; Muniz, 2002; Bercovich e Massé, 2004). Tais descontinuidades se caracterizam pelo crescimento desigual dos diferentes grupos etários ao longo do tempo e por mudanças bruscas no tamanho de coortes sucessivas (Bercovich e Madeira, 1990, p. 610). De particular interesse para o trabalho que está sendo ora desenvolvido, Bercovich e Madeira(1990, p. 619) identificam dois momentos que seriam representativos desse fenômeno no país, por elas denominados de **ondas jovens**: o primeiro, mais intenso, observado no período de 1965 a 1980, e o segundo, mais tênue, ocorrido de 1990 a 2000. Em ambos os períodos, portanto, esperar-se-iam condições de maior adversidade para os jovens no mercado de trabalho, devido à expansão do tamanho da sua coorte.

Caberia ainda destacar que as descontinuidades demográficas identificadas pelo estudo de Bercovitch e Madeira(1990, p. 600) para o caso brasileiro constituem-se em um fenômeno eminentemente urbano, sendo observadas com maior intensidade nas regiões mais desenvolvidas do país. Isto está a indicar que elas possuem também vínculos com processos migratórios para as áreas urbanas e relativamente mais desenvolvidas.

O estudo de Muniz(2002) buscou combinar o fenômeno das descontinuidades demográficas com a hipótese da expansão da coorte juvenil para analisar a situação desse grupo populacional no mercado de trabalho metropolitano brasileiro. Este trabalho focalizou as seis Regiões Metropolitanas do país em que é realizada a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, utilizando-se de uma série de dados anuais cuja cobertura era à do período 1982-2000. A par destes aspectos, o estudo subdividiu a população jovem em duas faixas etárias (15 a 19 anos e 20 a 24 anos), bem como a segmentou por gênero. Quanto aos resultados obtidos por esse trabalho, no que se refere ao efeito do tamanho relativo da coorte de jovens sobre a taxa de ocupação deste grupo populacional, este apresentou o sinal esperado (negativo) e era estatisticamente significativo, tanto para os jovens de 15 a 19 anos quanto para os de 20 a 24 anos, assim como para ambos os gêneros, confirmando plenamente a hipótese que estava sendo

testada. Já na especificação que utilizava a taxa de desemprego⁴ dos jovens como variável dependente, os resultados encontrados no estudo foram menos conclusivos: assim, no caso dos jovens de 20 a 24 anos, o efeito do tamanho relativo da coorte juvenil evidenciava o sinal esperado (positivo), mas era estatisticamente significativo somente para os indivíduos do sexo masculino. No caso dos jovens de 15 a 19 anos, o efeito do tamanho relativo da coorte juvenil possuía o sinal negativo para ambos os gêneros, implicando à rejeição da hipótese do efeito do tamanho relativo da coorte sobre a taxa de desemprego dos jovens deste faixa etária.

Na próxima seção deste estudo, a hipótese da expansão da coorte será retomada e testada para avaliar a situação dos jovens no mercado de trabalho da RMPA, particularmente no que se refere às taxas de ocupação e de desemprego desse grupo populacional.

3. O tamanho da coorte, a ocupação e o desemprego dos jovens: a experiência recente da RMPA

O propósito desta seção é o de testar a hipótese do efeito do tamanho da coorte juvenil sobre a ocupação e o desemprego desse grupo populacional na RMPA. Para tanto, o estudo vale-se da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED-RMPA), sendo o período de cobertura do trabalho o de 1993 a 2004.⁵ Na subseção 3.1 faz-se um sumário das tendências relativas à população, à ocupação e ao desemprego juvenil no mercado de trabalho da RMPA, e na subseção 3.2 busca-se estimar o efeito do tamanho da coorte juvenil sobre as taxas de ocupação e de desemprego deste grupo populacional.

3.1 Tendências da população juvenil e de sua inserção no mercado de trabalho da RMPA⁶

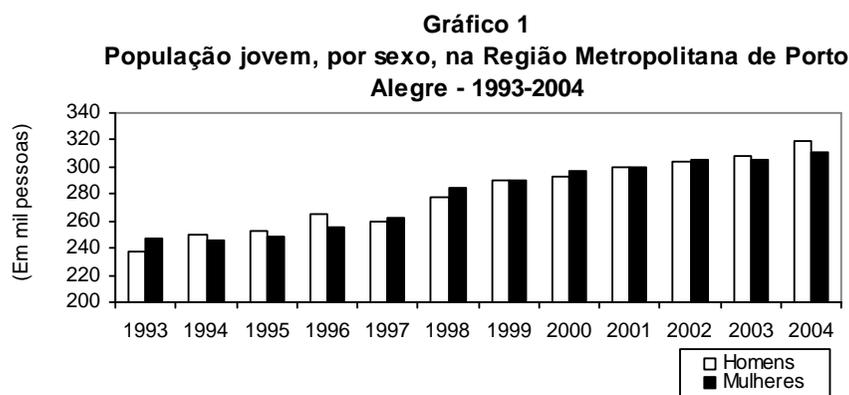
A população jovem na RMPA se elevou de 485 mil indivíduos em 1993 para 630 mil em 2004 (Gráfico 1). Em termos de sua composição por sexo, constata-se que o contingente de mulheres jovens, que era levemente superior ao de homens jovens em 1993, havia sido superado ao final do período: assim, os últimos atingiram 319 mil

⁴ É interessante perceber que neste estudo a taxa de desemprego dos jovens é definida através da relação entre o número de desempregados e a população deste grupo etário, o que não é usual em estudos do mercado de trabalho, pois este indicador costuma ser medido pela relação entre o número de desempregados e a população economicamente ativa (Muniz, 2002, p. 83).

⁵ O período de análise inicia em 1993 porque este é o primeiro ano para o qual se dispõe de médias anuais dos dados da PED-RMPA.

⁶ Nesta seção, o grupo populacional jovem foi delimitado como correspondendo à faixa etária de 16 a 24 anos. Adota-se esta faixa etária – e não a utilizada pela Organização das Nações Unidas – porque a idade de ingresso legal no mercado de trabalho do país é a de 16 anos.

indivíduos em 2004, enquanto as primeiras passaram a se situar em 311 mil naquele ano. Não obstante esta mudança na composição por sexo da população juvenil na RMPA, em que os homens jovens passaram a ser majoritários, o peso de cada um dos gêneros na população juvenil mantinha-se bastante próximo ao final do período, configurando uma situação praticamente paritária entre ambos.



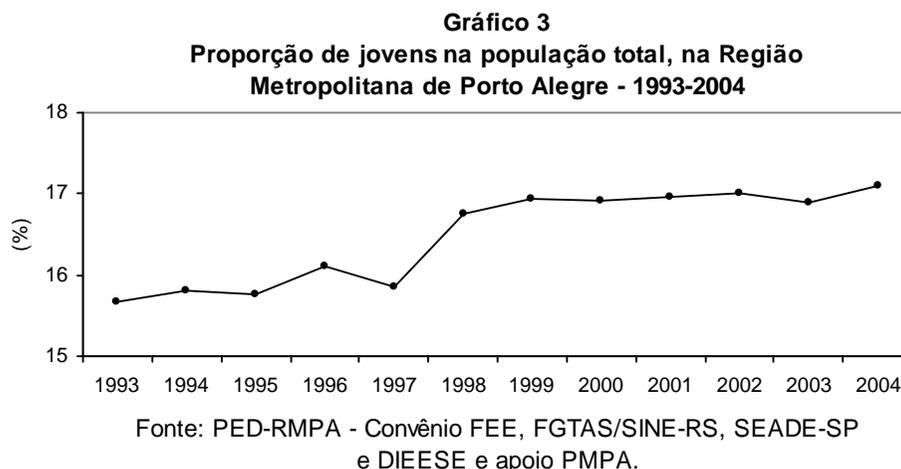
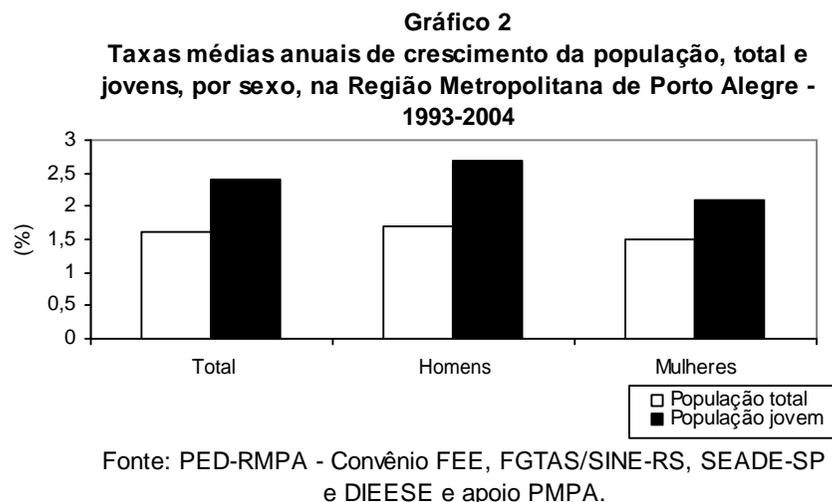
Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE e apoio PMPA.

O ritmo de crescimento da população jovem foi superior ao da população total na RMPA no período 1993-2004 (Gráfico 2). Conforme pode-se constatar, a população jovem cresceu a uma taxa média anual de 2,4% neste período, contra 1,6% da população total da região. Essa diferença de ritmo de crescimento entre a população jovem e a população total pode ter de fato configurado uma onda jovem na região metropolitana nos anos noventa, conforme identificada pelo estudo de Bercovich e Madeira (1990) para a realidade do país como um todo.⁷ Tanto no caso da população jovem quanto no da população total, os dados contidos no Gráfico 2 também revelam que os indivíduos de sexo masculino evidenciaram crescimento populacional mais intenso do que os de sexo feminino, com taxas médias anuais de crescimento de 2,7% e 2,1%, respectivamente.

Em face dos comportamentos acima descritos, houve um aumento da proporção de jovens na população total da RMPA, tendo esta se elevado de 15,7% em 1993 para 17,1% em 2004 (Gráfico 3). Cabe recuperar, como foi visto na seção anterior deste trabalho, que uma tendência semelhante a essa também foi identificada quando da

⁷ Nesse período, não se observa uma tendência de aumento da intensidade do fluxo migratório de jovens para a RMPA. Assim, tomando-se como referência os jovens que haviam imigrado para a região metropolitana em um período de até três anos, a cada ano, estes, que correspondiam a 8,9% da população jovem total em 1993, haviam recuado para 7,0% em 2004.

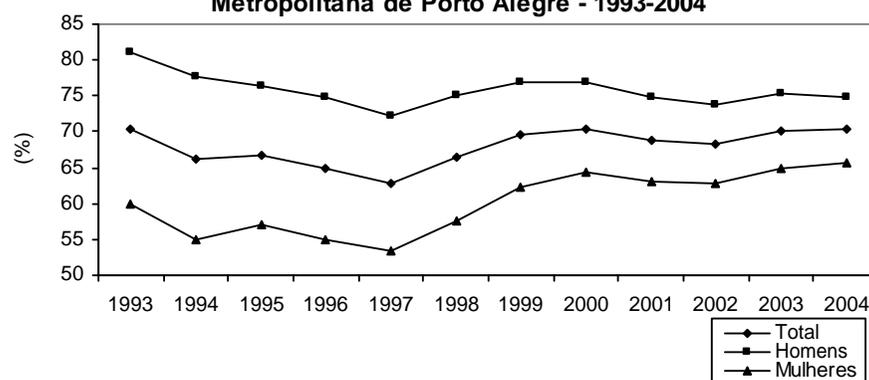
comparação dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, pois a proporção de jovens na população total do país também se elevou levemente naquele período.



No âmbito do mercado de trabalho da RMPA, o nível de engajamento da população juvenil na força de trabalho manteve-se idêntico quando da comparação do início e do final do período em análise (Gráfico 4). Assim, a taxa de participação dos jovens no mercado de trabalho da região, que era de 70,3% em 1993, encontrava-se exatamente neste mesmo patamar em 2004. É interessante destacar, todavia, que a taxa de participação dos jovens não permaneceu constante ao longo do período em foco. De 1993 até 1997, este indicador apresentou uma trajetória de declínio, situando-se neste último ano em seu menor nível para toda a série, 62,8%. Como interpretação tentativa, aventa-se a possibilidade de que os efeitos iniciais positivos do Plano Real sobre a atividade econômica contribuíram, no âmbito das estratégias familiares, para atenuar a

necessidade de engajamento dos jovens em atividades laborais. Não obstante, esta queda da taxa de participação dos jovens não pode ser associada de forma estrita ao comportamento da economia, pois o período contemplou tanto uma fase de desempenho mais satisfatória (1993-1995) quanto outra menos satisfatória (1996-1997), o que confere um caráter provisório à interpretação acima sugerida. Já no período 1998-2000, a taxa de participação dos jovens passou por um processo de elevação, atingindo o seu maior valor naquele último ano, 70,5%. Seguem-se pequenos recuos em 2001 e 2002, elevação em 2003 e estabilidade em 2004, com o que a taxa de participação retornou ao mesmo patamar em que se encontrava no início do período em análise.

Gráfico 4
Taxas de participação dos jovens, total e por sexo, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1993-2004

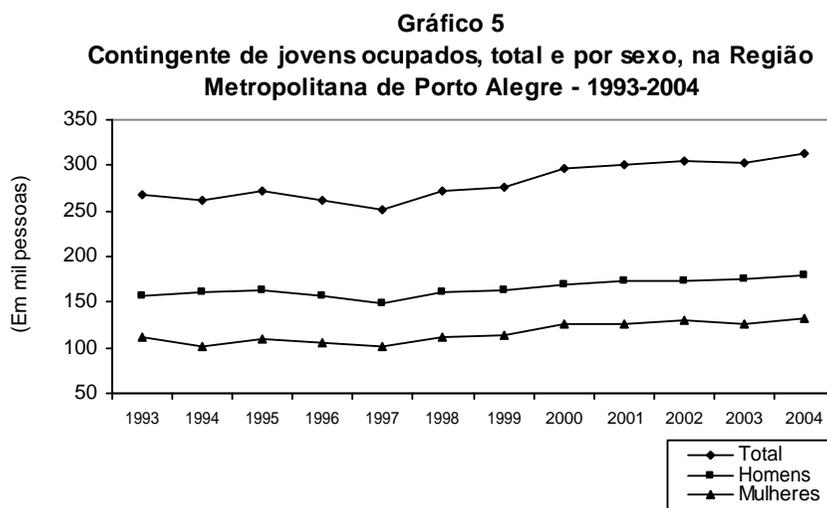


Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE e apoio PMPA.

No que diz respeito à intensidade de engajamento dos jovens em atividades laborais na RMPA, conforme a segmentação por sexo, os seguintes aspectos necessitam ser destacados (Gráfico 4). Os homens jovens evidenciavam taxas de participação mais elevadas do que as mulheres jovens no mercado de trabalho da região, sendo estas de 74,8% e 65,7% em 2004, respectivamente. Todavia, a tendência deste indicador foi discrepante entre estes dois grupos populacionais ao longo do período, pois enquanto para os homens jovens ocorreu declínio da taxa de participação, para as mulheres jovens o indicador em análise mostrou elevação. Com isso, o diferencial de taxas de participação entre os sexos, que era de 21,2 pontos percentuais desfavorável às mulheres jovens em 1993, havia se reduzido para 9,1 pontos percentuais em 2004. Esta mudança no padrão de inserção no mercado de trabalho entre os gêneros, em que se intensifica o engajamento das mulheres em atividades produtivas, deve-se assinalar, corresponde a

um movimento mais amplo que vem ocorrendo no âmbito do mercado de trabalho local, conforme identificaram outros estudos (Galeazzi *et al.*, 2002; Marques *et al.*, 2004).

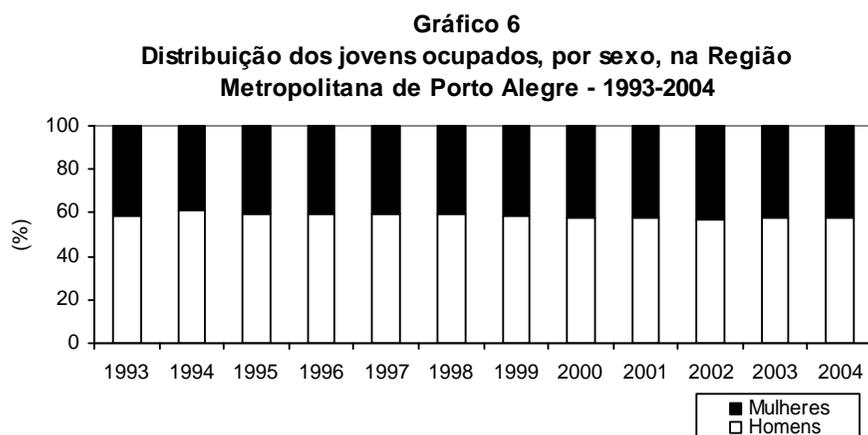
O nível de ocupação dos jovens apresentou uma tendência de elevação na RMPA no período em análise, tendo passado de 268 mil ocupados em 1993 para 313 mil em 2004, o que correspondeu a um crescimento de 16,8% (Gráfico 5). Conforme pode-se constatar, os anos mais adversos para a ocupação juvenil foram os de 1996 e 1997, sendo que neste último ela atingiu o seu menor patamar (251 mil ocupados). No que diz respeito à evolução da ocupação por sexo na RMPA, identifica-se que também ocorreu uma tendência de elevação para ambos os gêneros, mas um pouco mais intensa para os indivíduos de sexo feminino: assim, o contingente de mulheres jovens ocupadas aumentou de 111 mil em 1993 para 133 mil em 2004, com um crescimento de 19,8%, enquanto o dos homens jovens ascendeu de 157 mil para 180 mil nessa mesma base comparativa, com um crescimento de 14,6%.



Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE e apoio PMPA.

Ainda no que se refere à ocupação juvenil na RMPA, a sua composição por sexo apresentou uma pequena alteração entre o início e o final do período em análise, devido à performance ocupacional relativamente melhor do gênero feminino, conforme visto acima (Gráfico 6). Assim, as mulheres jovens, que correspondiam a 41,4% da ocupação juvenil da região em 1993, passaram a representar uma proporção levemente superior em 2004, 42,5%; os homens jovens, como decorrência, recuaram de 58,6% na ocupação juvenil em 1993 para 57,5% em 2004. Não obstante esta pequena mudança, os homens

jovens permaneceram claramente majoritários entre os ocupados deste grupo populacional na RMPA.

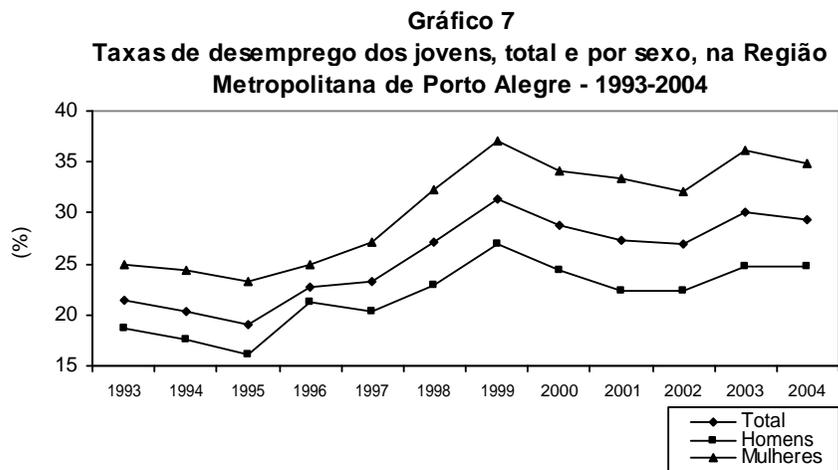


Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE e apoio PMPA.

Uma das características mais marcantes da inserção dos jovens no mercado de trabalho é a elevada incidência do desemprego, conforme identificam muitos estudos (O'Higgins, 1997; OIT, 2000 e 2004; Pochmann, 2000; Tokman, 2003). No caso da RMPA, constata-se que a taxa de desemprego juvenil não só é muito elevada, como também que este indicador experimentou um aumento acentuado ao longo do período, tendo passado de 21,4% em 1993 para 29,3% em 2004 – ou seja, neste último ano, praticamente trinta em cada cem jovens que estavam no mercado de trabalho metropolitano se encontravam na situação de desemprego (Gráfico 7). Pode-se também constatar, observando-se o período como um todo, que ocorreram dois momentos em que o desemprego juvenil se atenuou: imediatamente após a implementação do Plano Real (1994 e 1995) e posteriormente à desvalorização cambial de 1999 (2000-2002).

No que diz respeito à taxa de desemprego juvenil por sexo, para ambos os gêneros se observou uma tendência semelhante de elevação deste indicador na RMPA no período (Gráfico 7). A par deste aspecto, destaca-se que as mulheres jovens evidenciavam maior incidência do desemprego do que os homens jovens, sendo as suas taxas de desemprego em 2004 de 34,8% e 24,7%, respectivamente. Deve-se ter presente que esta maior incidência do desemprego sobre as mulheres jovens constitui-se em um padrão no caso latino-americano (OIT, 2000), o qual se confirma plenamente nas diversas regiões metropolitanas do Brasil (DIEESE, 2001, cap. 6; Muniz, 2002). Pode-se também perceber que ocorreu uma deterioração relativa do desemprego entre as

mulheres jovens em comparação aos homens jovens no mercado de trabalho metropolitano, pois o diferencial desfavorável às primeiras de incidência do desemprego se elevou de 6,3 pontos percentuais em 1993 para 10,1 pontos percentuais em 2004.



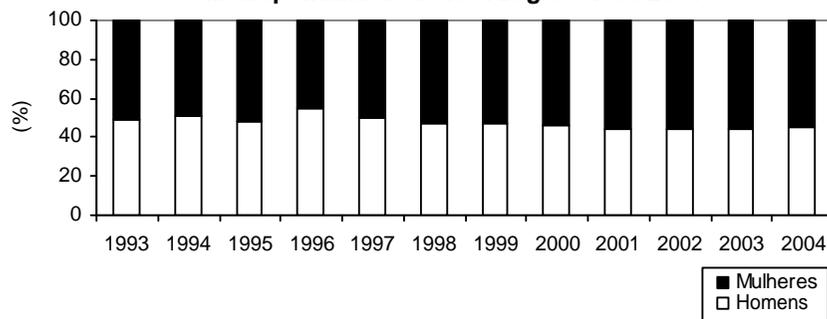
Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE e apoio PMPA.

A combinação dos movimentos descritos neste trabalho, de elevação do engajamento das mulheres jovens no mercado de trabalho e de redução no caso dos homens jovens, por um lado, e de aumento mais acentuado do desemprego entre as mulheres jovens em comparação aos homens jovens, por outro, fez com que se ampliasse a proporção de indivíduos de sexo feminino no contingente de jovens desempregados na RMPA (Gráfico 8). Nesse sentido, as mulheres jovens, que representavam 50,7% dos desempregados desse grupo populacional na região em 1993, haviam atingido 54,6% em 2004, com a conseqüente redução proporção de homens desempregados, de 49,3% para 45,4% nesses mesmos anos.

A trajetória ascendente do desemprego juvenil na RMPA está vinculada a uma capacidade relativamente modesta de absorção de mão-de-obra pelo mercado de trabalho local, em decorrência do baixo dinamismo econômico do período. Esta compreensão encontra respaldo no Gráfico 9 a seguir, no qual são cotejadas as taxas médias anuais de crescimento da população economicamente ativa (PEA), da ocupação e do contingente de jovens desempregados na RMPA no período 1993-2004. Conforme pode-se constatar, a PEA juvenil evidenciou crescimento de 2,4% ao ano, bastante superior ao da ocupação juvenil, de 1,4% ao ano, com o que o desemprego entre os jovens se elevou a uma taxa média anual muito superior, de 5,4%. Quando se contrasta

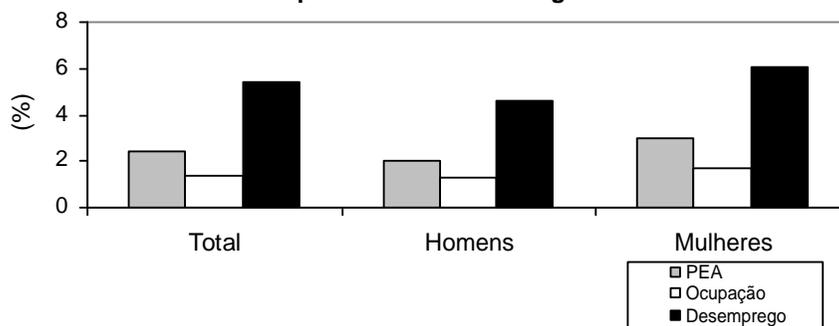
o comportamento destas variáveis de acordo com os sexos, é interessante recuperar que as mulheres jovens tiveram uma performance relativamente melhor do que os homens jovens em termos de crescimento da ocupação. Não obstante, como a PEA elevou-se bem mais entre as mulheres jovens do que entre os homens jovens, isto implicou um ritmo de crescimento mais acelerado do contingente de mulheres jovens desempregadas (6,1% ao ano) comparativamente ao de homens jovens desempregados (4,6% ao ano), deteriorando a situação relativa das primeiras no mercado de trabalho metropolitano.

Gráfico 8
Distribuição do desemprego dos jovens, por sexo, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1993-2004



Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE e apoio PMPA.

Gráfico 9
Taxas médias anuais de crescimento da PEA, da ocupação e do desemprego dos jovens, total e por sexo, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1993-2004



Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE e apoio PMPA.

3.2 A estimação do efeito do tamanho relativo da coorte sobre a ocupação e o desemprego dos jovens na RMPA

A partir da compreensão de que ocorreu uma onda jovem no país e em suas regiões metropolitanas nos anos noventa, nesta subseção procura-se estimar os efeitos do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a ocupação e o desemprego desse grupo populacional na RMPA.

Tendo em mente este propósito, foram especificados dois modelos econométricos para estimar os efeitos do tamanho relativo da coorte juvenil.⁸

Modelo 1

$$\text{Ln OJ}_t = \alpha \text{Ln CJ}_t + \beta \text{Ln OA}_t + \varepsilon_t$$

Descrição das variáveis:

OJ_t : taxa de ocupação dos jovens no ano t, definida pela divisão do contingente de ocupados deste grupo populacional pela sua respectiva PEA;

CJ_t : tamanho relativo da coorte juvenil no ano t, definido pela divisão da população juvenil pela população adulta;

OA_t : taxa de ocupação dos adultos no ano t, definida pela divisão do contingente de ocupados deste grupo populacional pela sua respectiva PEA.

Observação: as variáveis foram transformadas em logaritmos naturais.

Modelo 2

$$\text{Ln DJ}_t = \alpha \text{Ln CJ}_t + \beta \text{Ln DA}_t + \varepsilon_t$$

Descrição das variáveis:

DJ_t : taxa de desemprego dos jovens no ano t, definida pela divisão do contingente de desempregados deste grupo populacional pela sua respectiva PEA;

CJ_t : tamanho relativo da coorte juvenil no ano t, definido pela divisão da população juvenil pela população adulta;

DA_t : taxa de desemprego dos adultos no ano t, definida pela divisão do contingente de desempregados deste grupo populacional pela sua respectiva PEA.

Observação: as variáveis foram transformadas em logaritmos naturais.

⁸ Os modelos foram especificados de maneira semelhante aos de Korenman e Neumark(1997), O'Higgins(1997) e Muniz(2002).

No que diz respeito ao **Modelo 1**, a **hipótese** é a de que o tamanho relativo da coorte juvenil exerça um efeito negativo sobre a taxa de ocupação dos jovens, ou seja, um aumento da coorte implicará uma redução da taxa de ocupação juvenil. Quanto ao **Modelo 2**, a **hipótese** é a de que o tamanho relativo da coorte juvenil tenha um efeito positivo sobre a taxa de desemprego deste grupo populacional, no sentido de que o seu aumento elevará o desemprego entre os jovens. Conforme pode-se também observar, existe uma segunda variável explicativa tanto no **Modelo 1** quanto no **Modelo 2**, que são a taxa de ocupação e a taxa de desemprego dos adultos, respectivamente. Seguindo a orientação de outros trabalhos sobre este tema (Korenman e Neumark, 1997; O’Higgins, 1997; Muniz, 2002), a inclusão destas variáveis explicativas nos dois modelos tem o propósito de capturar o efeito da demanda agregada da economia sobre as taxas de ocupação e de desemprego dos jovens, constituindo-se, portanto, em *proxies* que procuram controlar os efeitos do nível de atividade econômica sobre as variáveis dependentes. Nesse sentido, espera-se, no **Modelo 1**, que o aumento da taxa de ocupação dos adultos implique elevação da taxa de ocupação dos jovens, pois a economia se encontraria, nestas condições, com maior nível de atividade. Já no **Modelo 2**, um aumento da taxa de desemprego dos adultos deverá implicar uma elevação da taxa de desemprego dos jovens, pois a economia, supostamente, estaria com um nível de atividade mais reduzido. Por último, cabe destacar que ambos os modelos foram estimados para a população jovem como um todo e para os jovens segmentados por sexo, com o propósito de tentar identificar se existem efeitos diferenciados do tamanho relativo da coorte juvenil sobre os homens jovens em comparação às mulheres jovens no mercado de trabalho metropolitano.

Os resultados básicos da estimação do **Modelo 1** podem ser observados na Tabela 1. Tomando-se a população jovem da RMPA como um todo, constata-se que a estimativa do coeficiente do tamanho relativo da coorte juvenil tem o sinal esperado (negativo), sendo estatisticamente significativa ao nível de 5%, o que confirma a hipótese que está sendo testada. De acordo com os resultados da estimação, espera-se que um aumento de 10% no tamanho relativo da coorte juvenil reduza em 9% a taxa de ocupação deste grupo populacional. É interessante também destacar o quanto é importante a situação macroeconômica para a determinação do nível ocupacional dos jovens, o que é capturado no modelo pela estimativa do coeficiente da taxa de ocupação dos adultos: espera-se que um aumento de 10% nesta variável explicativa eleve em 16,4% a taxa de ocupação dos jovens – ou seja, trata-se de um efeito de magnitude

superior ao do tamanho relativo da coorte juvenil. No que se refere à população juvenil como um todo e à estimação do **Modelo 1**, caberia ainda assinalar que o seu poder de explicação é bastante elevado, pois o coeficiente de determinação é de 0,845.

Tabela 1
Resultados básicos da estimação do Modelo 1

Variável dependente	Variáveis independentes		R ²
	CJ _t	OA _t	
Jovens OJ _t	-0,902 * (-4,0)	1,639 ** (9,63)	0,845
Homens jovens OJ _t	-0,515 * (-3,72)	1,358 ** (12,99)	0,895
Mulheres jovens OJ _t	-1,354 * (-3,77)	1,965 ** (7,24)	0,776

Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Notas:

1. Método de estimação: mínimos quadrados ordinários.
2. Tamanho da amostra: n = 12.
3. Estatísticas t entre parênteses.
4. ** Corresponde ao nível de significância de 1% e * ao de 5%.

No que diz respeito ao **Modelo 1**, passa-se agora a apresentar os resultados da sua estimação para a população juvenil da RMPA segmentada por sexo (Tabela 1). Para ambos os gêneros, as estimativas dos coeficientes do tamanho relativo da coorte juvenil têm o sinal esperado (negativo), sendo estatisticamente significativas ao nível de 5%, o que corrobora a hipótese central deste estudo. É interessante destacar, não obstante, que o efeito do tamanho relativo da coorte juvenil é bem mais acentuado no caso das mulheres jovens em comparação ao dos homens jovens: assim, espera-se que um aumento de 10% nesta variável explicativa venha a provocar uma redução de 13,5% na taxa de ocupação das mulheres jovens e de 5,2% na dos homens jovens, o que confirma uma condição de maior vulnerabilidade entre as primeiras no mercado de trabalho metropolitano. Quanto ao efeito exercido pela taxa de ocupação dos adultos, cujo papel no modelo é o de capturar o nível de atividade econômica, pode-se destacar os seguintes aspectos: tanto entre os homens jovens quanto entre as mulheres jovens, as estimativas dos coeficientes desta variável têm o sinal esperado (positivo), sendo ambas estatisticamente significativas ao nível de 1%; o efeito estimado desta variável explicativa sobre a taxa de ocupação de cada um dos gêneros também é de maior

magnitude do que o do tamanho relativo da coorte juvenil; e, dado que a estimativa do efeito da taxa de ocupação dos adultos é maior na regressão relativa às mulheres jovens, se depreende que estas são atingidas mais intensamente pelas flutuações do nível de atividade econômica. Finalmente, quanto ao poder de explicação do **Modelo 1** para cada um dos gêneros, registre-se que o coeficiente de determinação na regressão relativa aos homens jovens (0,895) é mais elevado do que o da regressão relativa às mulheres jovens (0,776).

Quanto aos resultados básicos da estimação do **Modelo 2**, estes podem ser conhecidos por meio da Tabela 2. Iniciando pela apresentação dos resultados da regressão relativa à população jovem com um todo na RMPA, constata-se que a estimativa do coeficiente do tamanho relativo da coorte juvenil tem o sinal esperado (positivo), sendo estatisticamente significativa ao nível de 1%. De acordo com este resultado, espera-se que um aumento de 10% no tamanho relativo da coorte juvenil implique uma elevação de aproximadamente 4,4% na taxa de desemprego dos jovens. Também no caso do **Modelo 2**, a situação macroeconômica, apreendida pela taxa de desemprego da população adulta, tem um efeito de maior magnitude sobre a taxa de desemprego dos jovens: conforme pode-se constatar, a expectativa é a de que um aumento de 10% nesta variável explicativa traga consigo uma elevação na taxa de desemprego dos jovens de aproximadamente 7,6%. Também neste caso o poder de explicação do modelo é elevado, pois o coeficiente de determinação é de 0,924.

No que diz respeito à estimação do **Modelo 2**, os seus resultados quando se efetua a segmentação da população jovem por sexo podem ser assim sintetizados (Tabela 2). A estimativa do coeficiente do tamanho relativo da coorte juvenil tem o sinal esperado (positivo), sendo estatisticamente significativa ao nível de 1% para ambos os gêneros. Caberia destacar que, no caso em análise, embora persista uma diferença desfavorável às mulheres jovens em relação aos homens jovens, esta é relativamente menor do que a observada no **Modelo 1**. Nesse sentido, conforme pode-se constatar, estima-se que um aumento de 10% no tamanho relativo da coorte juvenil implique uma elevação de 4,9% na taxa de desemprego das mulheres jovens e de 4,2% na dos homens jovens. Quanto às estimativas do efeito do nível de atividade econômica sobre as taxas de desemprego dos jovens, por sexo, apreendidas no **Modelo 2** pela taxa de desemprego dos adultos, para ambos os gêneros estas têm o sinal esperado (positivo), sendo estatisticamente significativas ao nível de 1%. Também neste caso, o efeito estimado desta variável explicativa é superior ao do tamanho relativo da coorte juvenil:

no caso dos homens jovens, a expectativa é a de que um aumento de 10% na taxa de desemprego dos adultos implique uma elevação de 7,1% na sua taxa de desemprego, e no das mulheres jovens, de 7,5%. Embora apresentando uma menor diferença, também aqui se reafirma uma situação relativamente desfavorável para as mulheres jovens, pois estas são mais atingidas por uma conjuntura macroeconômica adversa, capturada pela taxa de desemprego dos adultos. Por último, é importante registrar que o poder de explicação das regressões relativas a ambos os gêneros é elevado, ainda que no caso dos homens jovens o coeficiente de determinação (0,941) seja superior ao das mulheres jovens (0,861).

Tabela 2
Resultados básicos da estimação do Modelo 2

Variável dependente	Variáveis independentes		R ²
	CJ _t	DA _t	
Jovens DJ _t	0,435 ** (8,86)	0,755 ** (10,52)	0,924
Homens jovens DJ _t	0,421 ** (10,47)	0,708 ** (12,06)	0,941
Mulheres jovens DJ _t	0,487 ** (7,03)	0,753 ** (7,44)	0,861

Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Notas:

1. Método de estimação: mínimos quadrados ordinários.
2. Tamanho da amostra: n = 12.
3. Estatísticas t entre parênteses.
4. ** Corresponde ao nível de significância de 1% e * ao de 5%.

Em síntese, os resultados da estimação dos modelos estão a confirmar a hipótese que organiza este trabalho, pois foram encontrados os efeitos previstos do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a ocupação e o desemprego deste grupo populacional na RMPA no período enfocado. Não obstante, a estimação dos modelos também chamou a atenção para a importância do nível de atividade econômica para a situação dos jovens no mercado de trabalho, cujos efeitos são até mesmo de maior magnitude sobre a ocupação e o desemprego. Tal resultado, assinala-se, vai ao encontro do que revelaram

trabalhos abordando esta mesma questão nos países da OCDE e nas regiões metropolitanas brasileiras.⁹

4. Considerações finais

Este estudo procurou analisar os efeitos do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a ocupação e o desemprego deste grupo populacional na RMPA no período 1993-2004.

Conforme foi mostrado no trabalho, a população jovem cresceu em ritmo mais intenso do que a população total da RMPA no período em foco, o que se vincula à ocorrência de uma onda jovem no país na década de noventa, com ênfase especial em suas áreas metropolitanas. Esse fenômeno teve como consequência uma elevação da proporção de jovens na população total da RMPA entre 1993 e 2004.

No âmbito do mercado de trabalho da RMPA, embora a taxa de participação dos jovens não tenha permanecido constante ao longo do período, quando se comparou o seu início e o seu final se identificou que este indicador manteve-se exatamente no mesmo patamar. Por sua vez, foram distintas as evoluções do grau de engajamento no mercado de trabalho dos homens jovens em relação às mulheres jovens: enquanto os primeiros apresentaram uma tendência de declínio em sua taxa de participação, as últimas evidenciaram uma tendência de elevação, com o que se reduziu o diferencial de engajamento na força de trabalho entre ambos.

A ocupação juvenil registrou um crescimento relativamente modesto na RMPA no período, revelando uma baixa capacidade de absorção de mão-de-obra pela economia local. Dado que este crescimento foi amplamente superado pelo da força de trabalho deste grupo populacional, isto implicou um agravamento do desemprego entre os jovens, o qual cresceu em ritmo muito mais acelerado no período. Caberia recuperar que as mulheres jovens tiveram um desempenho em termos de crescimento do nível de ocupação levemente superior ao dos homens jovens. Não obstante, como a força de trabalho feminina cresceu em ritmo mais acelerado do que a masculina, isto implicou um aumento muito mais intenso do desemprego entre as mulheres jovens, com o que a sua situação relativa se deteriorou no mercado de trabalho metropolitano.

Os resultados da estimação dos modelos econométricos confirmaram a hipótese do efeito do tamanho relativo da coorte juvenil sobre a ocupação e o desemprego deste grupo populacional no mercado de trabalho da RMPA. Deve-se recuperar que o efeito

⁹ A esse respeito, ver, para os países da OCDE, Korenman e Neumark(1997) e O'Higgins(1997), e para as regiões metropolitanas do Brasil, Muniz(2002).

do tamanho relativo da coorte juvenil se mostrou de maior magnitude no caso da taxa de ocupação, demonstrando uma maior sensibilidade desta em comparação à taxa de desemprego, o que remeteria à necessidade de estudos posteriores, para que a sua causa fosse plenamente conhecida. No que se refere à segmentação da força de trabalho juvenil por sexo, os resultados da estimação dos modelos indicaram que as mulheres jovens são muito mais afetadas pelo efeito do tamanho relativo da coorte juvenil do que os homens jovens, respaldando o entendimento de que os indivíduos de sexo feminino se encontram em situação de maior vulnerabilidade no mercado de trabalho metropolitano. Por último, em consonância com outras pesquisas, a estimação dos modelos evidenciou que o nível de atividade econômica tem efeitos de maior magnitude sobre a ocupação e o desemprego dos jovens, o que reforça a compreensão de que a performance macroeconômica é de grande relevância para as perspectivas deste grupo populacional no mercado de trabalho.

Bibliografia

- BASTOS, R. O segmento juvenil do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: um estudo com ênfase na escolaridade. **Ensaio FEE**. Porto Alegre: FEE, v. 26, número especial, p. 271-298, 2005.
- BERCOVICH, A., MADEIRA, F. **Descontinuidades demográficas no Brasil e no Estado de São Paulo**. Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambú: ABEP, v. 2, p. 595-631, 1990.
- BERCOVICH, A., MASSÉ, G. **Descontinuidades demográficas, ondas jovens e mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Argentina**. Anais do I Congresso da Associação Latino Americana de População. Caxambú: ALAP, 2004.
- COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **La juventud en Iberoamérica: tendencias y urgencias**. Santiago: CEPAL, 2004.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.
- DIEZ DE MEDINA, R. **Jóvenes y empleo en los años 90**. Montevideo: OIT/CINTERFOR, 2001.
- GALEAZZI, I. et al. Desemprego e precarização do trabalho: a experiência na Região Metropolitana de Porto Alegre. In: WILTGEN, R., GARCIA, L. (Coords.) **Transformações do mercado de trabalho metropolitano: os 10 anos da PED-RMPA**. Porto Alegre: FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, FAT/MTE, PMPA, 2002.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.
- _____. **Censo demográfico de 1980**. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.
- _____. **Censo demográfico de 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.
- _____. **Censo demográfico de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- KORENMAN, S., NEUMARK, D. **Cohort crowding and youth labor markets: a cross-national analysis**. Cambridge: NBER, 1997. (Working paper n. 6031)
- MARQUES, E. et al. Conjunturas desfavoráveis consolidam o perfil feminino do desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre. **Mulher e Trabalho**. Porto Alegre: FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, FAT/MTE, PMPA, v. 4, p. 9-28, 2004
- MUNIZ, J. As discontinuidades demográficas exercem efeitos sobre o mercado metropolitano dos jovens? **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas: ABEP, v. 19, n. 2, p. 65-97, 2002.
- O’HIGGINS, N. **The challenge of youth unemployment**. Genebra: OIT, 1997. (Employment and training papers n. 7)
- ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO. **Emplear a los jóvenes: promover un crecimiento intensivo en empleo**. Genebra: OIT, 2000.
- _____. **Tendencias mundiales del empleo juvenil**. Genebra: OIT, 2004.
- POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- TOKMAN, V. **Desempleo juvenil en el cono sur: causas, consecuencias y políticas**. Santiago: Fundación Friedrich Ebert, 2003.
- UNITED NATIONS. **World youth report 2003**. Nova Iorque: UN, 2003.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.